

Fernando Pessoa

## Os efeitos da guerra sobre a literatura dependem...

Os efeitos da guerra sobre a literatura dependem em parte das consequências políticas da guerra. A determinação d'esses efeitos depende, portanto, da determinação — por enquanto muito difícil, sobretudo nos seus detalhes que para o caso muito importam — d'estas consequências. Há efeitos literários, porém, que a guerra produzirá simplesmente como guerra, independentemente dos seus resultados políticos, só pela perturbação da sua prolongada presença. Não é difícil determinar esses efeitos, que são de três ordens.

A literatura das criaturas inferiores — dos Georges Ohnet, dos Anatole France, dos Edmond Rostand — sofrerá uma grande transformação. Essa pobre gente, que, no longo e injusto período de paz entre a guerra de 70 e hoje, se aplicou a ter atitudes superiores, sem que para isso houvesse nascido, passará a interessar-se mais pelas grandes realidades da vida, que a guerra, presença quotidiana da Morte, deixará bem lembradas. Eles tornar-se-ão ao mesmo tempo mais humanos e mais modestos. Abandonarão a difícil tarefa de ter opiniões, mesmo alheias, e sentimentos estéticos, mesmo próprios; passarão a ter uma orientação psíquica plebeiramente comedida, como convém a gente que escreve para o chamado «grande público» (deputados, costureiras e membros das Sociedades nacionais de belas-artes). E assim este género de sapateiros, que hoje tocam o rabecão da arte para os ouvidos da estupidez cosmopolita, passará a trabalhar no único sentido que Deus lhes permitiu — o folhetim patriótico ou amoroso, mais quotidiano do que nunca.

A literatura dos novos românticos (futuristas e cubistas) desaparecerá por completo, dada a necessidade de reconstruir as cidades e as pontes.

O campo da literatura superior (cuidadosa e esotericamente vedado aos olhares do público) ficará definitivamente entregue à grande geração que completará a céu e estrelas a obra doentia iniciada pelos simbolistas. A grande arte futura levará ao seu luminoso extremo a atitude decadente, que cultivará com escrúpulo. Essa arte será toda de desdém pelo povo, de aversão pelos velhos temas do amor, da glória e da vida, de indiferença pela pátria, pela religião, pela humanidade, por todas as coisas com que a sinceridade dos ignóbeis se preocupa. Será o anarquismo dos superiores, sem explicação, sem utilidade e

sem desculpa. Orgulha-me constatar que alguns raios d'essa luz futura tocam já, com seu fulgor mortiço, o pendão do MOVIMENTO SENSACIONISTA, que, revelado primeiro através de «Orpheu», de dia para dia conta em Portugal, seu país de origem, um número maior de aderentes.

FERNANDO PESSOA  
Sensacionista

1915?

**Pessoa Inédito.** Fernando Pessoa. (Orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Livros Horizonte, 1993: 139.